

Linhas gerais das experiências da consciência desde o *primeiro capítulo (Certeza Sensível)* até o *sexto capítulo (O Espírito)* – ou desde a *seção (A) Consciência* até a *seção (C) (BB) O Espírito*

As citações das passagens da Fenomenologia do Espírito são retiradas dos seguintes textos: 1) Hegel, G. *Phänomenologie des Geistes*. Hamburg: Felix Meiner, 1988. [=PhG]; 2) Hegel, G. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 1992. [=FE].

A *seção (A) Consciência* – a *Certeza Sensível, Percepção e Força e Entendimento* – representa a posição da consciência que se encontra diante do essente a ela contraposto: o ser-outro (Anderssein) como se fosse um em si (an sich) (FE 233, p. 173; PhG, p. 158). Ao longo da *seção (A) Consciência*, o objeto é interpretado pela consciência fenomênica como existindo sem a participação da própria consciência: a verdade ou a essência aparece, para ela, como a “determinidade do ser” (FE 233, p. 174; PhG, p. 158).

Na *seção (B) Consciência-de-si*, a consciência faz a experiência de que ela se encontra no objeto, e o objeto, em si mesma: em si, ela tem o Outro, e, no Outro, a si mesma. Surge, então, a consciência-de-si. Se, na *seção anterior*, o ser-outro era um em si, agora o ser-outro é “somente para ela” (FE 233, p. 174; PhG, p. 158). A determinidade do ser só é legítima enquanto o ser é para a consciência, tal como é o caso, por exemplo, da vida disponível aos desejos da consciência e do escravo que serve ao senhor.

A *seção (C) (AA) Razão* supera as deficiências das experiências passadas. O objeto não é mais um em si independente da consciência, como na *seção (A) Consciência*, ou um ser-outro por ela e nela mesma absorvido, como na *seção (B) Consciência-de-si*, pois “ambos os lados [aquelas experiências das seções (A) e (B), *Consciência* e *Consciência-de-si*, LAV] se reduzem a uma verdade: o que é ou o Em-si somente é, enquanto é para a consciência; e o que é para ela, é também em si” (FE 233, p. 174; PhG, p. 158s). No momento da razão a consciência é “imediatamente igual a si mesma no *ser-Outro*, ou na diferença absoluta” (FE 235, p. 175; PhG, p. 160). Não há, assim, um ser-outro desgarrado e alheio à consciência, bem como ela não reduz o ser-outro a si mesma. Por isso, a razão “é a certeza da consciência de ser toda a realidade” (FE 233, p. 173; PhG, p. 158). A razão toma posse do mundo, pois, na verdade, toma posse de si mesma, já que ele é um outro dela mesma.

A *seção (C) (BB) O Espírito*, como era de se esperar, é o resultado da *seção (C) (AA) Razão*: “A razão é espírito quando a certeza de ser toda a realidade é elevada à verdade e [quando] ela [a razão] é consciente de si mesma como de seu mundo e do seu mundo como de si mesma” (FE 438, p. 304; PhG p. 288). Portanto, quando a certeza (subjetividade) da

razão se transforma em verdade (objetividade), a razão dá lugar ao espírito. A efetivação do que é a razão faz nascer o mundo do espírito.

Concretamente isto significa que o formalismo do saber é superado na medida em que a substância privada de consciência, enquanto ela é conteúdo ético, preenche o formalismo do saber. Assim sendo, uma reconciliação é alcançada entre o formalismo subjetivo e a substância objetiva. O caráter sólido e compacto desta unidade marca o início da experiência da eticidade grega, segundo a qual o ethos vivido aparece em seu caráter inabalável e inquestionável, como verdade para o indivíduo ético. Os papéis éticos do homem e da mulher são, portanto, assumidos e desempenhados como a verdade que ambos devem viver sem criticá-los.

Não há, pois, mais estranhamento entre o indivíduo e seu mundo ético, pois o mundo ético-espiritual é aquele em que a certeza moral subjetiva corresponde plenamente à verdade ética objetiva.

As figuras das *seção (A) Consciência* até a *seção (C) (AA) Razão* avançam em direção ao seu fundamento e subsistência, que é o espírito. O avanço das figuras é, na verdade, retorno ao seu pressuposto, ao que já está posto desde o início, mas só agora aparece com sua verdadeira face. Embora apareça por último, o espírito é o primeiro e a base, diante dos quais as figuras anteriores constituem momentos nos quais ele não havia *ainda* alcançado a unidade que lhe é peculiar.

Na *seção (A) Consciência*, o espírito negligenciava o fato de que a efetividade essente e objetiva era, de fato, o próprio ser-para-si do espírito, o espírito mesmo refletido na dimensão objetiva. Na *seção (B) Consciência-de-si*, ao contrário, a unilateralidade do espírito consiste em ver na realidade objetiva apenas e tão somente seu ser-para-si, inundando, por assim dizer, a dimensão objetiva com a dimensão subjetiva. Na *seção (C) (AA) Razão*, por sua vez, esta tem a unidade da *Consciência* e da *Consciência-de-si*, de tal modo que ainda resta uma preponderância da subjetividade sobre a objetividade, expressa, por exemplo, na relação entre categoria e coisa em si, o lado objetivo que escapa ao aparato cognitivo do sujeito. A razão está, portanto, ainda prisioneira de uma exterioridade entre sujeito e objeto. Por fim, na *seção (C) (BB) O Espírito*, este é a unidade entre *Consciência* e da *Consciência-de-si*, de tal forma que não há mais lugar para um mundo estranho ao indivíduo. A solidez desta unidade caracteriza o espírito como “*vida ética de um povo*, enquanto ele é a *verdade imediata*” [FE 441, p. 306; PhG p. 290], verdade vivida e não posta em questão.